



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das revistas IstoÉ, “Brasileiro do Ano”; IstoÉ Dinheiro, “Empreendedor do Ano”; IstoÉ Gente, “Personalidade do Ano”

São Paulo - SP, 15 de dezembro de 2003

Eu quero, primeiro, dizer ao companheiro Domingos Alzugaray que a entrega desse prêmio toma um jeito definitivo no Brasil e no estado de São Paulo, não pelo valor econômico do prêmio, porque ninguém vai sair daqui com nenhum centavo, mas porque é sempre importante as pessoas serem lembradas. E cada um que recebeu o seu prêmio, na sua categoria, certamente dedicou 365 dias no ano – já que só ficam 6 horas com a família – para tentar fazer o melhor para a sua empresa, para a sua vida política, o seu estado, a sua cidade.

Eu quero dizer para vocês que quem tem experiência, aqui, sabe que montar um governo não é difícil quando a gente se cerca de companheiros que nos permitem deitar, toda noite, tendo a certeza de que os que estão com você são companheiros de verdade e não companheiros com quem se faz negócios ou negociatas, mas companheiros de caminhada.

Eu me lembro quando convidei o Palocci para ser ministro da Fazenda, e isso criou um certo choque nos meios políticos brasileiros pois como era possível eu chamar uma pessoa que não era economista para ser ministro da Fazenda? Afinal de contas, não era essa a cultura do Brasil durante tantos anos, de ter a predominância dos economistas na Fazenda.

E eu tive a certeza de que eu precisava de alguém que não fosse economista. Vocês podem hoje, depois de um ano, achar graça. Mas eu acho que se ele fosse um economista, não teria tido a tranquilidade e a serenidade que somente um médico, diante de seu paciente moribundo, poderia ter. Se o Alckmin estivesse aqui poderia falar o mesmo, ou qualquer outro que conhece



o Palocci, pois não teve um único momento, nessa nossa trajetória de quase 20 anos, em que eu tenha visto o Palocci perder a calma. Não sei se perde com a Margareth, de vez em quando, mas na política não.

E a verdade nua e crua é que eu, de vez em quando, fico analisando as coisas que se fala da economia brasileira, sem querer ofender nenhum economista, porque eu tenho muitos amigos economistas e gosto de todos eles. Mas a verdade é que economista, quando está na oposição é melhor do que quando está na situação. Na oposição eles têm todas as fórmulas para todos os problemas, mas quando estão no governo, não há nenhuma fórmula para nenhum dos problemas.

E eu acho que a economia brasileira, hoje, merece até ser julgada, porque exatamente nessa mesma data, no ano passado, muitos de vocês estavam com medo do que poderia acontecer no nosso país. Eu tenho certeza de que vocês passaram o Natal e o Ano Novo, mesmo depois da transição tranqüila entre o nosso governo e o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, com muito medo, com muita incerteza.

E, hoje, eu estou aqui muito à vontade para dizer a vocês que aquilo que falávamos no final do ano passado, que a esperança tinha vencido o medo, vocês podem ter certeza de que o Brasil não tem porque ter medo. Este país tem condições, este país é grande, este país tem uma base intelectual, tem uma base empresarial no campo e na cidade. Este país precisa apenas se respeitar. As pessoas precisam acreditar em si mesmas, para fazer com que os outros acreditem.

Não há caminho de volta na nossa economia. Nós vamos continuar fazendo o juro baixar, na medida em que for possível, sem sobressaltos. Nós vamos continuar fazendo o controle e eu disse ao Palocci que vamos fazer porque é preciso.

Eu e Marisa somos casados há trinta anos e a gente só compra quando pode comprar. Se não puder comprar, a gente espera o ano que vem ou outro



ano, porque nós aprendemos a não viver de dívidas. E isso tem que ser levado para a política com muito mais força porque o dinheiro do Estado não é nosso, o dinheiro do Estado tem que ser devolvido para o povo, com a maior responsabilidade, fazendo aquilo que é possível fazer, até porque as pessoas são honestas, as pessoas não esperam um milagre.

Nós tomamos uma decisão: nós não vamos fazer aquela política que parece milagrosa e que todo mundo festeja por três meses e depois de quatro meses está todo mundo chorando porque festejou. Nós queremos dar os passos do tamanho da perna, para que a gente não tenha distensão. O Raí sabe, por mais preparado fisicamente que esteja, que se fizer um esforço exagerado vai ficar um mês sem jogar.

Como eu tenho dito que nós não temos o direito de errar, não podemos errar, porque nós não temos o direito de causar uma frustração na sociedade brasileira. Vocês podem ficar tranquilos que a economia brasileira vai voltar a crescer e os estados vão melhorar.

Imaginem vocês uma coisa: se eu falasse de fazer a reforma da Previdência e tributária, em outubro do ano passado, quem de vocês acreditaria? Os outros não conseguiram, então, como é que esses meninos vão conseguir? E o dado concreto é que eu dei entrada, no dia 30 de abril, num projeto extraordinário, com a concordância dos 27 governadores dos Estados, mesmo um ou outro tendo divergências em algum ponto. Pela primeira vez, na história deste país, 27 governadores foram com o Presidente da República no Congresso dar entrada na reforma e, sete meses depois, se Deus quiser, na sexta-feira, vamos promulgar a nova política tributária deste país e a nova política de Previdência Social do nosso país.

E isso graças à compreensão da sociedade brasileira, graças à compreensão dos governadores, graças à compreensão ao trabalho do Congresso Nacional.

Eu acho que esse é um feito que não tem volta. Por isso, vocês podem



ficar tranquilos. Eu dizia para o dr. Lázaro Brandão, antes de entrar aqui, que os bancos podem se preparar porque vão ser motivados, se depender do governo, a ganhar dinheiro investindo em coisas que signifiquem geração de empregos, geração de riquezas e distribuição de renda. E para que isso aconteça, o governo não pode ser o maior incentivador dos bancos a ganharem sem investir no setor produtivo, oferecendo títulos a juros exorbitantes.

Então eu acho que nós vamos fazer a nossa parte. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o Sistema Financeiro fará a dele. E não tenho dúvida nenhuma, Benjamin, que nós vamos estar juntos nesses próximos três anos, para ver a economia brasileira voltar a crescer e colher aquilo que é o sonho de todos nós.

Por último, quero dizer para dona Marisa Letícia da Silva que eu, possivelmente, não tive a sensibilidade dos homens da IstoÉ, dos jornalistas e diretores que não te conheciam pessoalmente, porque nós dois já fomos vítimas de muita humilhação. Eu me lembro, na campanha de 1989, que diziam assim: “O Lula não pode ganhar as eleições, porque tem muito vidro para dona Marisa limpar”. Nós ganhamos as eleições e eu não tenho dúvida nenhuma de que, com a sua simplicidade, a dona Marisa passou a ser um exemplo de mulher a ser seguido neste país. Por isso, meus parabéns dona Marisa Letícia. Eu vou criar um prêmio para dar para a Marisa: a mulher que tem mais paciência no mundo, para me aturar, porque eu realmente sou muito ranhento e ela me atura há 30 anos. Ela é uma espécie de equilíbrio do que eu devo fazer ou não fazer, se eu devo ir ou não ir. E como já faz 30 anos que deu certo, Marisa, eu vou criar um prêmio para eu mesmo entregar a você.

Muito obrigado e meus parabéns a todos os premiados aqui.

/rss/cms